

Estrelas de porte GG brigam pela Concha de Ouro



Divulgação



Blue Heron

O Brasil revelou nesta 73ª edição do festival espanhol uma promessa de vitórias com CEP em São Paulo: “Dolores”, de Maria Clara Escobar e Marcelo Gomes, sobre três gerações de uma família de classe média baixa chefiada por uma jogadora compulsiva (Carla Ribas, num magistral desempenho). Em sessão paralela, “O Agente Secreto”, do pernambucano Kleber Mendonça Filho, também esteve em cartaz, fora da competição principal, mas pode conquistar a láurea de júri popular do evento. Na corrida pelo troféu Concha de Ouro, a ser entregue neste sábado por um júri chefiado pelo realizador J. A. Bayona (de “O Impossível”), estrelas de porte GG de Hollywood (Angelina Jolie, Colin Farrell, Matt Dillon e Russell Crowe) reciclaram suas personas, num certame que tem o drama de tribunal “Belén” como seu favorito. A atriz Dolores Fonzi dirige e estrela a produção, sobre a luta de uma advogada para salvar uma jovem condenada injustamente por uma tentativa de aborto não comprovada.

Confira a seguir o que San Sebastián viu de mais potente nos últimos sete dias.

Divulgação



Nuremberg

BLUE HERON, de Sophy Romvary (Canadá/ Hungria): Um painel de angústias geracionais, este drama sobre amadurecimento e aceitação familiar rasga corações ao falar de desamparo. Tudo se passa no fim da década de 1990, quando Sasha, de oito anos, e sua família de imigrantes húngaros, mudam-se para uma nova casa, em Vancouver. Seu recomeço é interrompido pelo comportamento cada vez mais perigoso de Jeremy, o filho mais velho, que esbanja desconforto diante do Novo Mundo.

LIMPIA, de Dominga Sotomayor (Chile): Espécie de “Que Horas Ela Volta?” hispânico, um tanto mais fofo (e numa certa medida mais feroz) do que o su-

cesso brasileiro de 2015. Há delicadeza em sua forma de explorar o cotidiano de uma trabalhadora doméstica (papel de María Paz Grandjean) e uma garota de seis anos (Rosa Puga Vittini) que convivem numa casa de alta classe média na qual abusos patronais são disfarçados numa polidez que paga contas, mas não justifica explorações.

NUREMBERG, de James Vanderbilt (EUA): Em seu segundo trabalho de direção, construído nas mesmas bases políticas de seu trabalho anterior (“Conspiração e Poder”, de 2015), o prolífico produtor de “Zodíaco” (2007) deu ao público de Donostia seu momento mais “cinemão” de 2025, num espetáculo à moda clássica sobre o jul-

gamento do líder nazista Hermann Göring. A presença de um Russell Crowe afinzaço de brilhar catapulta às alturas o que poderia ser um thriller jurídico corriqueiro, com atuações inflamáveis de Richard E. Grant, Michael Shannon e Rami Malek, o Freddie Mercury de “Bohemian Rhapsody”. O roteiro traz um diálogo fascinante após o outro.

COUTURE, de Alice Winocour (França): Imperfeito, mas imperdível, este painel do mundo da moda, e sua efemeridade, arranca de Angelina Jolie sua interpretação mais comovente. Ela vive uma cineasta que, contratada para filmar a Paris Fashion Week, descobre ter um câncer de mama. Seu conflito pessoal é contado numa narrativa